

Este livro fala de um novo olhar sobre o bebê, desde seu estado celular até o nascimento. Relata descobertas surpreendentes sobre o psiquismo pré e perinatal. Coloca-nos em contato mais próximo com estudos do desenvolvimento do feto sob um prisma teórico de recentes pesquisas e contribuições sobre o tema. Está dividido em duas partes: a primeira, editada dez anos antes, manteve sua versão original, e a segunda, acrescenta novos conhecimentos principalmente no que diz respeito ao bebê.

A psicologia pré-natal tem sua importância tanto para a psicologia do desenvolvimento como para a psicanálise. Para esta, a autora ressalta o estudo da psicologia pré-natal como fundamental, considerando que todos os fatos ocorridos com o ser antes de ele nascer recebem registro mnêmico, no plano do inconsciente, e que irão influenciar seu comportamento futuro.

Joanna Wilhelm, ao longo do livro, esclarece detalhadamente cada conceito que utiliza, permitindo ao leitor uma clara compreensão de suas idéias. Acrescentando às formulações de sua própria autoria, conhecimentos e pesquisas de um número vasto de autores, cita registros traumáticos do período pré-natal e do nascimento, que são de importância para a prática clínica.

Nas profundezas da psique humana

Resenha de Joanna Wilhelm, **O que é psicologia pré-natal**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 123 p.

Descreve o feto como um ser que tem vida emocional, que sente, que experimenta prazer e desprazer, dor e angústia. Na relação com a mãe, é capaz de captar seus estados emocionais e afetos que lhe são dirigidos. Os conhecimentos sobre a fisiopatologia da gestação, incluindo estudos sobre o efeito do estresse materno no feto e embrião, bem como sobre o estresse pré-natal propriamente dito, mudaram a concepção do útero como um lugar ideal. Joanna fala ainda a respeito de estudos que indicam ser alterações de estados da mãe capazes de produzir substâncias neuro-hormonais que atingem o feto, repercutindo no seu estado emocional.

Considero de importância estas contribuições trazidas pela autora, também porque observo a preocupação constante das gestantes com este tema, no trabalho que desenvolvo no Hospital Universitário. Elas querem saber se suas altera-

ções emocionais interferem no estado do bebê, se ele sente suas emoções, quando, por exemplo, choram ou estão tristes. Provavelmente se inquietam também com seus sentimentos ambivalentes em relação a seus bebês.

Nesse sentido, a autora traz esclarecimentos, comentando que a experiência (intra-uterina) do feto se faz por meios que nem sempre podemos conhecer ou precisar, mas que é importante o fato de estarmos constatando a sua existência.

Um conceito central que Wilhelm usa é o de *memória celular*. Refere-se aos registros mnêmicos das experiências pelas quais passam as duas células reprodutoras básicas – espermatozóide e óvulo – e o conceito até depois da nidação, quando surge o embrião. O percurso do espermatozóide até o óvulo e o nascimento é mostrado descritivamente pela autora contando a “pré-história” de todos nós. Acompanhamos a história da evolução do feto sob o prisma biológico, onde ocorrem os registros que são guardados na memória. Diz a autora: “é

minha convicção de que tudo que ocorre com o ser, desde os primórdios de sua existência biológica – portanto desde que foi óvulo por um lado e espermatozóide por outro lado – tem registro, e que este registro, feito por meio de uma memória celular, está guardado nos nossos arquivos de memória, uma espécie de banco de dados inconsciente” (p. 24).

A autora discorre sobre características do feto citando várias pesquisas realizadas com os mesmos. Cita Doutora Piontelli, psicanalista e pesquisadora, que se viu intrigada com questões a respeito da ordem da origem do caráter definido e das diferenças individuais entre fetos e os bebês. Piontelli desenvolve pesquisas nesta área com observação regular de fetos e bebês até o primeiro ano de vida. Aponta em uma de suas conclusões que as diferenças de personalidade evidentes e marcantes já em fetos de quatro meses, serão características individuais que se mantêm em suas vidas pós-natais.

Também há exemplos de psicoterapeutas (David Chamberlain, Grof, Josephine Van Husen, William Emerson, Graham Farrant) que relatam evidências de memórias pré-natais na experiência clínica com seus pacientes. Esses pesquisadores fizeram uso de técnicas regressivas variadas que comprovariam os registros mnêmicos das experiências traumáticas do período pré-natal, do nascimento e até celular. A autora enfatiza o traba-

lho clínico desses terapeutas que tem fornecido subsídios para o conhecimento da existência e da operância dos traumas pré-natais, que teriam o poder de reger a conduta pós-natal, determinando padrões psicopatológicos, psicossomáticos e de comportamento. É nesse ponto que ela aborda o cruzamento da psicologia pré-natal com a psicanálise e conclui que é precisamente nos registros traumáticos pré-natais que se encontram estabelecidas as raízes mais profundas de determinadas psicopatologias e de afecções psicossomáticas.

Na segunda parte do livro, Wilheim acrescenta novas contribuições colocando foco sobre o bebê.

Para nos mostrar os crescentes conhecimentos sobre as capacidades do feto e do recém-nascido, a autora cita exemplos surpreendentes que revelam "um novo olhar sobre o bebê" (p. 77). Apresenta trabalhos exercidos na prática clínica, principalmente na França, que evidenciam a capacidade de apreensão do bebê de uma interpretação e em seguida a melhora de seus sintomas.

A autora cita psicanalistas franceses que mostram o que entendem por *psicanálise de bebês*. O trabalho do psicanalista

consiste em traduzir os sentimentos do bebê, a partir de uma apreensão da dinâmica familiar envolvida e, a partir daí, onde há um vazio de palavra colocar um significado verdadeiro: *a palavra da verdade* como preferem dizer. O efeito dessa verbalização dirigida ao bebê evidencia-se no seu corpo com a remissão dos seus sintomas. Para Wilheim: "o psicanalista estabelece as conexões entre os sintomas e a história do bebê e de sua família. O corpo guarda a memória. O papel do psicanalista é o de nomear estas memórias, colocando a palavra onde existe apenas um significado não dito, uma falta de palavra" (p. 82).

Para ilustrar esse trabalho, podemos mostrar o exemplo que a autora cita da psicanalista de bebês Caroline Éliacheff. Trata-se do relato do caso de um bebê que fora dado para adoção e aguardava numa instituição. Começam a aparecer sintomas em seu corpo. Os médicos, não conseguindo lidar com eles, encaminham o bebê para a psicanalista. Ela inicia seu trabalho colocando as intervenções dirigidas ao bebê a partir da apreensão que fez de sua história. Diz a ele o quanto sua mãe gostava dele e que escolheu o caminho da adoção para lhe oferecer melhores opções de vida e outros dados. Segue na próxima consulta com outras

pontuações. Após as duas sessões o bebê não apresentava mais os seus sintomas.

Aproveitando-se desse exemplo podemos nos referir a outro tema do livro abordado pela autora, *vínculos afetivos e o bebê adotado*. A criança que é separada de sua mãe ao nascer precisaria ser ajudada a reconstituir sua história, pois traz a marca da rejeição. A autora valoriza o cuidado, nessas situações, de colocar, desde o começo, para a criança palavras ditas preenchendo os não-ditos, ou seja, tratar-se-ia de favorecer a elaboração da perda de sua família de origem, para que ela viesse depois a ter condições de estabelecer novos vínculos com os pais adotivos.

A autora também cita descobertas interessantes na área da comunicação dos bebês. São várias as suas capacidades já com o recém-nascido. Ela acrescenta novos dados sobre memória celular. Traz o conceito de "*phantasia* básica incons-

ciente que fica depositada no fundo das nossas mentes, sob a forma de uma matriz básica que, no decorrer de nossas vidas, irá se manifestar toda vez que um fato da realidade atual esbarrar num destes registros básicos" (p. 103).

Finalmente, faz referências a vários autores e organizações que coordenam estudos nessa área e os resultados positivos a partir desses movimentos.

Quanto às organizações que se empenham em propostas de mudanças no sentido da humanização do nascimento, percebe o reflexo desses movimentos na tentativa de mudar o quadro do Brasil como um dos campeões em cirurgias cesarianas no mundo. Atualmente pode-se ver no hospital, após o trabalho de muita sensibilização, com maior aceitação, a presença dos pais na sala de parto. Situação impensável em anos anteriores.

Certamente este livro só vem acrescentar conhecimentos inovadores na área do psiquismo do feto e do bebê e cultivará o interesse daqueles que se interessam pelo tema da mente humana.

Edinalva T. Cruz Souza é psicanalista, funcionária e coordenadora do Grupo de Gestantes do Hospital Universitário da USP.